

Tradição Italiana e Modernidade: a Organização da Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante

Nara Falqueto Caliman

Resumo O artigo trata da organização comunitária da Festa da Polenta, considerada como a maior festa da cultura italiana no Espírito Santo. As peculiaridades de sua criação, a complexidade, riqueza e valores que envolvem sua realização ao longo do ano, a atuação peculiar de sujeitos-chave e sua importância como vitrine para a manifestação da cultura e identidades locais nos fazem crer que essa festa é um *locus* privilegiado de observação da organização social de Venda Nova do Imigrante. Nosso objetivo é, através de entrevistas em profundidade e observação participante, compreender as formas de manifestação dos aspectos culturais tradicionais dos imigrantes e a influência da lógica da acumulação na organização da Festa da Polenta nos dias atuais, o papel criativo dos sujeitos-atores nessa trajetória peculiar, a importância dessa identidade cultural como alavanca para a economia local, além de apontar alguns caminhos e possibilidades do futuro da Festa. O artigo, portanto, contribui para a compreensão desta sociedade local a partir da análise de sua maior manifestação cultural, a Festa da Polenta.

Palavras-chave Gestão Social de Territórios. Tradição. Tradição Italiana. Modernidade. Festa Popular. Giddens.

Abstract The article deals with the community organization of the Polenta Festival, considered the largest celebration of Italian culture in Espírito Santo State. The peculiarities of its creation, the complexity, richness and values involved in its realization over the years, the role of key individuals and their importance as a showcase for the manifestation of culture and local identity make us believe that it is a *locus* for the observation of the social organization in Venda Nova do Imigrante. Our goal is, through in-depth interviews and participant observation, to understand the different traditional cultural aspects of immigrants and the influence of the logic of accumulation in the organization of the Polenta Festival today, the creative role of individuals in this peculiar trajectory, the importance of cultural identity as a lever for the local economy, while pointing

out some possibilities for the future of the festival. The paper therefore contributes to the understanding of the local society through the analysis of its largest cultural event, the Polenta Festival.

Keywords Tradition. Italian Tradition. Modernity. Popular Festival. Giddens.

INTRODUÇÃO

A Festa da Polenta é considerada a maior festa da cultura italiana no Estado do Espírito Santo. As peculiaridades de sua criação, a complexidade, riqueza e valores que envolvem sua realização ao longo do ano, a atuação peculiar de sujeitos-chave e sua importância como vitrine para a manifestação da cultura e identidades locais nos fazem crer que essa festa é um *locus* privilegiado de observação da organização social de Venda Nova do Imigrante. Nosso objetivo é compreender as formas de manifestação dos aspectos culturais tradicionais dos imigrantes e a influência da lógica da acumulação na organização da Festa da Polenta nos dias atuais, o papel criativo dos sujeitos-atores nessa trajetória peculiar, a importância dessa identidade cultural como alavanca para a economia local, além de apontar alguns caminhos e possibilidades para o futuro da Festa da Polenta. O artigo, portanto, contribui para a compreensão desta sociedade local a partir da análise de sua maior manifestação cultural, a Festa da Polenta.

Venda Nova do Imigrante, cidade de cerca de 24 mil habitantes, está localizada na região serrana do estado do Espírito Santo. Colonizada por imigrantes italianos no final do século XIX, quando a imigração europeia foi utilizada como estratégia imperial brasileira de substituição de mão de obra escrava e ocupação dos vazios territoriais, Venda Nova manteve – por razões que perpassam desde o relativo isolamento geográfico até questões culturais que procuraremos explorar ao longo deste artigo – uma influência marcante de valores que são percebidos como tradicionais e que atravessam todos os momentos de sua constituição até os dias atuais, sendo reconhecidos como marcos característicos que a tornam um dos principais remanescentes da cultura da imigração italiana no Espírito Santo e no Brasil. Essas características tornam Venda Nova – como é mais conhecida – atraente para a visualização da atuação dos elementos formadores e mantenedores da tradição.

A importância de estudar esses mecanismos, portanto, se evidencia não só na contribuição para o resgate sócio-histórico e compreensão dessa trajetória social, em particular, como, principalmente, no entendimento da trajetória da ação dos sujeitos e da construção coletiva das sociedades na atualidade. A mesma questão pode ser observada em outros grupos da sociedade brasileira.

Analisamos, também, questões relativas à escolha dos *estilos de vida* nos dias atuais, ou seja,

na modernidade. Nesse contexto, entendemos que os sujeitos fazem suas escolhas de forma reflexiva diante da gama de possibilidades. A tradição é vista como uma dentre essas possíveis escolhas. Assim, podemos avaliar, para cada contexto social atual, o peso da tradição enquanto estilo de vida e os impactos dessa escolha na organização social local.

Nosso artigo está assim estruturado: na introdução, fez-se uma breve contextualização de Venda Nova e do tema proposto. O próximo item traz o aporte teórico sobre tradição, modernidade, a influência da lógica da acumulação na identidade e cultura locais e na escolha do estilo de vida, além da contextualização da importância da imigração italiana para o Espírito Santo e para Venda Nova. Em seguida, são tratados os aspectos metodológicos e, na seção seguinte, a Festa da Polenta e sua trajetória são brevemente abordados. As análises sobre a Festa, seu modelo de organização, seu papel na organização social local, a participação dos sujeitos e os possíveis caminhos para seu futuro, bem como nossas considerações e recomendações para novos estudos são retratados na última parte.

MARCOS TEÓRICOS

Tradição e Modernidade: Opostos?

A adoção do referencial teórico baseado nas reflexões de Giddens sobre a tradição se deve à sua postura de tradição não oposta à modernidade; dito de outra forma, pela relação paradoxal entre tradição e modernidade e co-existência de ambas, que culmina na possibilidade de se ter a tradição como uma opção entre a infinita gama de estilos de vida. Assim, temos que:

A modernidade, quase que por definição, sempre se colocou em oposição à tradição; não é verdade que a sociedade moderna tem sido “pós-tradicional”? *Não*, pelo menos da maneira em que me proponho a falar aqui da “sociedade pós-tradicional”. Durante a maior parte da sua história, *a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia*. (GIDDENS, 2001, p. 22, grifos nossos).

As relações dialéticas entre o local e o global – a relação entre as decisões do dia a dia e os resultados globais, em conjunto com seu reverso, a influência das ordens globais sobre a vida individual – compõem, segundo Giddens (2001, p. 24), o principal tema da nova agenda da ciência social. Os grupos sociais não desaparecem por conta disso, mas tendem a ser reorganizados e reformulados segundo essa nova agenda.

Pela grande diversidade de fontes de informação e conhecimento, muitas delas divergentes e contraditórias, o máximo que pode ser dito com alguma certeza é que não há certezas e, sim, uma gama de “cenários possíveis”, cuja plausibilidade depende, entre outros fatores, da quantidade de pessoas que aderem a cada um deles. Nesse aspecto, encontramos um elemento que, segundo Giddens (2002), é central: a reflexividade. O autor a conceitua da seguinte forma:

Reflexividade se refere à suscetibilidade da maioria dos aspectos da atividade

social e das relações materiais com a natureza, à revisão intensa, à luz de novo conhecimento ou informações. [...] [É] o uso regularizado do conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação. (GIDDENS, 2002, p. 25-26).

O aspecto do questionamento e revisão do que está dado, que a reflexividade ressalta, de certa forma, é uma potencial ameaça à tradição, caracterizando-se pelo constante aperfeiçoamento na busca pelo novo. Giddens (2002) afirma ainda que o sujeito, bem como os contextos institucionais em que atua, tem que ser constituído reflexivamente, tarefa esta a ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades (GIDDENS, 2002, p. 11). É notável, aqui, a importância da postura reflexiva nas escolhas dos sujeitos e a intensidade do questionamento da validade do que está posto mediante o conhecimento e aprimoramento constantes; evolui à medida que se ampliam, na gama de possibilidades de escolha, os riscos e incertezas.

Assim, nas sociedades modernas, as escolhas de estilo de vida são constitutivas da vida cotidiana. Os sujeitos são obrigados a fazer escolhas a todo o momento. Veremos no decorrer deste artigo o quanto essas escolhas de estilos de vida podem impactar – e ser impactadas – pela permanência de aspectos tradicionais em suas variadas formas de combinação na sociedade vendanovense. E é nesse contexto que analisamos alguns elementos que compõem a tradição, segundo Giddens.

Entendendo a Tradição: Elementos Formadores e Mantenedores

A tradição tem um importante papel na construção de uma sociedade. Ela tem uma dimensão de organização sobre o tempo. Nas palavras de Giddens (2001):

A tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente. Mas evidentemente, em certo sentido e em qualquer medida, a tradição também diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas como uma outra maneira de se organizar o tempo futuro. O futuro é modelado sem que se tenha a necessidade de esculpi-lo como território separado. A repetição [...] chega a fazer o futuro voltar ao passado, enquanto também aproxima o passado para reconstituir o futuro. (GIDDENS, 2001, p. 31, grifos nossos)

Sob o aspecto da funcionalidade, a tradição tem a missão de manter coesão e influenciar a ordem social. Giddens observa, porém, que essa funcionalidade não se opera de maneira mecânica e repetitiva ao longo do tempo, como propõem as interpretações correntes. Ela se constitui, nesse caso, por uma intencionalidade de perpetuar os aspectos que geram identificação e segurança. Nesse contexto, o ritual tem um sentido, posto de forma intencional pelo guardião, e incorporado, também, como algo dotado de sentido pelos membros da sociedade. Eles conhecem a intencionalidade e estão conscientes do sentido do ritual.

Transferindo essa lógica de forma análoga para o contexto de Venda Nova, perceberemos, ao longo desse estudo, que a repetição das tradições como rituais, mesmo que reinventadas e ressignificadas, torna-as uma opção de estilo de vida que fornece segurança pela adesão a uma identidade cultural.

Por isso, é mais importante a autenticidade da tradição, ou seja, sua legitimidade naquela sociedade, que seu tempo de existência. E essa autenticidade se dá pela habilidade em reconstruir o passado com base no presente. A partir daí, surgem elementos fundamentais ligados à tradição. Há dois conceitos importantes nas reflexões de Giddens (2001, p. 32-35) que são pertinentes para a compreensão das tradições em Venda Nova: guardiães da tradição e especialistas.

Guardiães da Tradição

São aqueles nos quais se acredita serem eles agentes ou mediadores essenciais dos poderes causais da verdade formular – a verdade por trás dos rituais. Lidam com os mistérios, mas suas habilidades provêm mais de seu envolvimento com o poder causal da tradição do que do seu domínio de qualquer segredo ou conhecimento esotérico. O guardião é o repositório das tradições porque identifica os seus detalhes, relaciona-os com o presente e projeta-os no futuro enquanto interage com os outros da sua idade e, por fim, transmite-os aos jovens. É ele quem faz o trabalho contínuo de interpretação para identificar os laços que ligam o presente ao passado. Por isso, podemos dizer que a tradição é um meio organizador da memória coletiva.

Assim, a integridade da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do trabalho contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado. O *status* de líder proporciona ao guardião a continuidade daquela tradição, por ser ela não só o que “é” feito, como o que “deve ser” feito. Seu *status* na ordem tradicional, mais do que sua competência, é a principal característica do guardião.

Especialistas

“O especialista é qualquer indivíduo que pode utilizar com sucesso habilidades específicas ou tipos de conhecimento que o leigo não possui”, diz Giddens (2001, p. 62). A especialização é, portanto, mutável, desincorporadora, pois se baseia em princípios impessoais, que podem ser aprendidos, desenvolvidos e transportados, o que independente do contexto. O especialista pode, então, ser “substituído” por outro cujos conhecimentos se tenham sobressaído ou sejam mais aplicáveis ao momento.

O guardião, sob alguns aspectos, poderia até ser comparado ao especialista da era moderna. Em alguns casos, eles até coincidem numa mesma pessoa, mas entre eles há uma diferença crucial no aspecto da autoridade. O guardião (GIDDENS, 2001, p. 60), nas culturas tradicionais, age de determinada maneira em virtude do seu acesso especial a poderes causais da verdade formular. O termo “sabedoria” pode ser a ele aplicado, em oposição ao termo “conhecimento”, adequado ao especialista. A estabilidade da liderança tradicional depende

mais de acesso a símbolos que perpetuam a “aura” necessária, e não da liderança conquistada pela detenção de conhecimento, que precisa ser atualizado cotidianamente. Esta última está mais ligada a aspectos reflexivos e precisa ser constantemente ampliada, uma vez que é também, de forma constante, questionada e posta a prova no cenário de diversidade atual. A especialização é intrínseca ao mundo da alta reflexividade. “Em contraste com a sabedoria, a “competência” está especificamente ligada à especialização” (GIDDENS 2001, p. 71).

Analisando a transição das sociedades tradicionais para as modernas, é comum considerar a tradição como intrinsecamente conservadora. Porém, Giddens (2001, p. 50-51) enfatiza seu papel de transformadora, e é justamente nessa transformação, nessa reconstrução, que se faz a ligação presente-passado, limitando a gama de escolhas.

Transpondo essa reflexão para a Festa da Polenta, vemos que a continuidade ou mesmo o resgate de antigas tradições da comunidade, como o plantio do milho para a Festa ao modo dos *nonos*¹, trazem consigo uma nova gama de sentidos e significados que não os que se tinham anteriormente. Nesse caso, tem o valor simbólico de um ritual de identidade cultural que serve à coesão social e ao atrativo turístico, não tendo mais o valor funcional de seus antepassados, que plantavam de forma rudimentar para sua subsistência. Esse processo de “releitura” das tradições oferece àquela sociedade a possibilidade de um estilo de vida ainda ligado aos aspectos tradicionais, porém, inserido e influenciado pela modernidade globalizante.

A lógica da Acumulação e a Determinação dos Estilos de Vida

Nas sociedades tradicionais, a lógica da subsistência – ou da troca – orientava a forma de consumo. Nas sociedades modernas, regidas pela lógica do capitalismo, ampliam-se as possibilidades de opções e escolhas, uma vez que é possível produzir, acumular capital com a comercialização dos produtos e escolher o quê e como consumir, numa gama cada vez mais variada – e quase infinita – de produtos ou serviços.

Segundo Rocha (2005), a noção de escolhas e opções variadas de estilos de vida não tem significado nos contextos tradicionais, pois neles as questões fundamentais da existência humana são dadas como respondidas. Já a sociedade de consumo oferece não *uma* resposta, e sim *muitas*. Qualquer escolha configura um estilo de vida, com seus comportamentos, valores e hábitos de consumo característicos. Sobre isso, Rocha (2005) segue fazendo uma interessante reflexão à luz de Giddens²:

Fazer parte de uma tradição significa precisamente que não se pode escolher, que as instituições escolhem por nós. Nesse sentido, é enganoso ver na redescoberta de modos de vida tradicionais, tais como a acupuntura, a ioga, a astrologia, o zen-budismo, uma retomada da tradição. A própria “liberdade” de escolha significa que não se trata, aqui, de tradição. Quando se pode escolher entre tantas opções, é porque o que está em questão não é mais sua dimensão tradicional – que torna cada uma dessas categorias irreduzível às demais – mas seu valor de troca, segundo o qual todas podem ser intercambiáveis. (ROCHA, 2005, p. 116, grifos nossos).

Quanto à configuração atual da cidade de Venda Nova, que vive em função do turismo – capitaneado especialmente pela Festa da Polenta, que é sua principal vitrine –, a possibilidade de acumulação é um elemento fundamental para a compreensão do que propomos enquanto reflexão. Analisando a Festa da Polenta, em particular, e a organização da cidade, como uma experiência turística no geral, percebemos que a Festa foi grande indutora do turismo, ao mesmo tempo em que se resignificou e se adapta, permanentemente, em função do turismo, muitas vezes para atender a expectativas dos consumidores-turistas. Vemos aí que a necessidade de acumulação possui lugar comum, comandando a lógica de diferenciação da oferta do que será consumido.

Analisando Venda Nova sob essa ótica, por um lado, temos os sujeitos locais inseridos na lógica do consumo da era capitalista, expostos à gama de opções do mercado globalizado, a inúmeras possibilidades e variedades de produtos, podendo optar por padrões de consumo diferenciados, que conferem outros estilos de vida que não aquele predominante na cidade ou aos outros que a própria cidade pode oferecer.

Por outro lado, quando observamos os sujeitos enquanto produtores/ofertantes de produtos e serviços, podemos dizer que a manutenção de um discurso da tradição – corroborado pelo resgate e releitura de hábitos e costumes do passado – pode representar o elemento diferenciador, conferindo identidade ou imagem à cidade enquanto experiência turística a ser vivenciada, de maneira tal que o seu consumo reforça-a como uma opção de escolha aos turistas e aos próprios habitantes locais. Um exemplo é demonstrado quando os aspectos tradicionais tornam-se um “teatro”, uma representação nas ocasiões festivas, com a finalidade de ser uma experiência a ser vivenciada por visitantes e nativos.

O papel da Reflexividade: a Tradição como Estilo de Vida

Para determinado grupo ou indivíduo que opta por retornar ou manter um aspecto tradicional já em desuso, enfraquecido, Giddens (2001) tem um posicionamento interessante, considerando-se os aspectos da reflexividade e dos estilos de vida:

Quer essas ideias sejam ou não difundidas, um processo de seleção desse tipo [retorno a tradições] não é um redespertar da tradição, mas algo novo. É a adoção da tradição como sendo em si uma decisão de estilo de vida. (GIDDENS, 2001, p. 54, grifos nossos).

Vemos em Venda Nova que os hábitos antigos ressurgem, mas resignificados, para ambientar o cenário dos imigrantes como atração turística. Assim, a adoção da tradição como estilo de vida, ou seja, a tentativa de manter esses valores, não os faz retornar ao que eram anteriormente, uma vez que o contexto sócio-histórico que os cerca é outro. Aparece como uma postura reflexiva, de escolha, ou seja, a tradição é chamada a “se justificar” e reafirmar sua validade nesse novo cenário.

A tradição, ainda, pressupõe a diferenciação entre “o iniciado” e “o outro”. Nesse aspecto, é também um meio de identidade:

A tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado, mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação [...]. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com o futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal e sua conexão com identidades sociais amplas é um requisito primordial de segurança ontológica. [...] As ameaças à integridade das tradições são, muito frequentemente, se não universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu. (GIDDENS, 2001, p. 56, grifos nossos).

Vemos como uma identidade se reconstrói no cotidiano, de forma intencional, e que essa referência é base para coesão, através da identificação dos indivíduos com a identidade coletiva da comunidade. Esse aspecto de segurança ontológica, ligado à confiança, tem grande importância na constituição e no cotidiano das sociedades.

A reflexividade é, portanto, um fator primordial que traz à tona e diferencia o ambiente tradicional do ambiente moderno. Mas essa, digamos, transição entre um e outro cenário deve ser bem compreendida:

A modernidade destrói a tradição. Entretanto (e isso é muito importante), uma colaboração entre modernidade e tradição foi crucial às primeiras fases do desenvolvimento social moderno – período em que o risco era calculável em relação a influências externas. Essa fase é concluída com a emergência da alta modernidade ou daquilo que Beck chama de modernização reflexiva. Daí em diante a tradição assume um caráter diferente. Mesmo a mais avançada das civilizações pré-modernas permanece firmemente tradicional. (GIDDENS 2001, p. 73, grifos do autor).

Entrelaçando as reflexões de Giddens (2001), temos que, nas sociedades tradicionais, uma tradição inventada ganha autenticidade pela ação de um guardião; ou seja, um líder que, por sua credibilidade, confiança, “sabedoria” e legitimidade junto à determinada sociedade, consegue, identificar detalhes da tradição, fazer a conexão entre passado e futuro, adaptando, inventando e incorporando elementos à tradição, além de transmitir e “contagiar” as novas gerações. Assim, enquanto a tradição for suficientemente eficaz para ser legitimada e ganhar autenticidade social – passando pela reflexividade, releituras e ressignificações – ela irá perdurar. Esse mesmo mecanismo funciona, também, nas sociedades modernas. Porém, nesse contexto, a pluralidade de escolhas de estilos de vida faz com que essa conexão entre passado e futuro seja cada vez mais frágil.

Por fim, essa reflexão abre caminho para a coexistência pacífica das tradições no âmbito da modernidade. O autor pondera o equilíbrio pela manutenção intencional e permanentemente refletida de aspectos tradicionais enquanto estilo de vida:

Como humanidade coletiva, não estamos condenados à irreparável fragmentação. Além da compulsividade, está a oportunidade de se desenvolverem formas autênticas de vida humana que pouco devem às verdades formulares da tradição, mas nas quais a defesa da tradição também tem um papel importante. (GIDDENS, 2001, p. 94).

Iniciamos, a seguir, breve análise do cenário capixaba e da imigração italiana, que contextualiza nosso olhar sobre Venda Nova.

O Espírito Santo e a Imigração Italiana

Uma doação de 50 léguas de terra na costa brasileira, feita pelo Rei de Portugal Dom João III a Vasco Fernandes Coutinho, em 1534, inicia a história do Espírito Santo (OLIVEIRA, 1975). Segundo Vasconcellos (1995, p. 103), o *ethos* desbravador e aventureiro de seu donatário português, e uma mentalidade ligada ao lucro fácil, não o fez desanimar nem diante da recepção hostil que aqui encontrou ao aportar em 23 de maio de 1535.

A capitania passou por longos períodos de estagnação em sua história, sendo por anos barreira natural de proteção de Minas Gerais. A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, abriu uma oportunidade de acabar com o marasmo que tomava conta de algumas províncias, como a do Espírito Santo. O cenário capixaba, bem como o nacional, sofreu alterações. A lógica de transformar a Colônia na nova sede do Reino passou a ser vigente e trouxe a perspectiva de abertura de novos espaços econômicos, solução para o marasmo econômico em terras capixabas. Mas os sonhos de riqueza e prosperidade desmoronam. Em Vasconcellos (1995), vemos um lampejo da vida da capitania do Espírito Santo:

A navegação com a Europa e a África tinha desaparecido. [...] [na capitania destacava-se a] estrada que ligou a baía de Vitória a Vila Rica, em Minas Gerais. [...] [Mas], apesar das vantagens fiscais concedidas pela Coroa para o transporte da mercadoria, a Estrada Nova do Rubim não motivou o comércio [devido principalmente aos ataques dos violentos botocudos. Nesse período], no esforço de defender a Colônia, o próprio Dom João inauguraria o movimento migratório europeu que tantos trabalhadores traria para o Brasil. Trinta casais de açorianos foram enviados ao Espírito Santo e instalados em Viana, a aproximadamente 18 quilômetros da capital. (VASCONCELLOS, 1995, p. 108).

A imigração europeia, especialmente a italiana e alemã, para o Brasil, iniciou-se no final do século XIX, caracterizada, fundamentalmente, como atrativa por parte do Brasil e não só expulsora por parte dos países de origem, segundo Pollini (2005, p. 66-69). Havia uma diferenciação entre a imigração demandada pela Província de São Paulo e a destinada ao Sul do país. A de São Paulo tinha como finalidade a substituição de mão de obra escrava. Já nas demais, havia a ocupação territorial e a intenção de se estabelecer um sentido de nação através da ocupação desses vazios demográficos (POLLINI, 2005, p.58). No Espírito Santo, ela teve configuração semelhante às províncias do sul do país:

A configuração territorial do Estado, então, se baseou na pequena propriedade de estrutura familiar localizada em sua maioria em Vitória e nas regiões de montanha do Estado, mais próximas do clima europeu e de mais fácil adaptação para os imigrantes. Segundo Rocha (2000), parece que o Espírito Santo foi a “cobaia” perfeita do discurso da imigração no Brasil, pois, assim como outros estados, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, foi a pequena propriedade a estrutura vigente. (PANDOLFI; VASCONCELLOS, 2005, p. 11).

No Espírito Santo, a imigração inaugura o início do crescimento capixaba e a saída da apatia econômica. A imigração e o cultivo do café escreveram essas páginas. No início, a expansão cafeeira do ES seguiu o modelo colonial existente, o latifúndio exportador e escravagista, base da economia brasileira. Porém, a partir de 1870, o início do trabalho livre na lavoura é marcado pela chegada e fixação do contingente de imigrantes europeus no Estado (PANDOLFI; VASCONCELLOS, 2005). Seu papel de ocupação do território capixaba foi decisivo. Estes receberam do governo da província títulos de propriedade das terras que ocuparam, onde cultivavam café e produtos para a própria subsistência (CAMPOS JR., 1985).

A estrutura fundiária capixaba, baseada na pequena propriedade familiar, tem origem nesse contexto, como vemos no trecho, abaixo, do estudo de Pandolfi e Vasconcellos (2005), com base na pesquisa do antropólogo Geert Bank (1998):

A crise propagada pela falta de mão de obra cativa na grande lavoura cafeeira na região sul da província e a falta de sensibilidade dos cafeicultores em perceber o fim da escravidão, como fizeram outros cafeicultores de outras províncias, trouxeram consequências para os fazendeiros. Muitos latifundiários tiveram que repartir as suas terras em pequenos lotes e vender aos colonos italianos. Em contrapartida, o colono deveria vender a produção à sua firma de comercialização. Essas terras eram vendidas aos colonos a preços módicos e a longos prazos. Com frequência cada vez maior os fazendeiros subdividiam as suas propriedades em lotes para vendê-los em seguida aos colonos (PANDOLFI; VASCONCELLOS, 2005, p.13).

Em Pandolfi e Vasconcellos (2005), vemos também que a lógica da ética do trabalho ligada à imigração italiana se aplica à realidade capixaba. Os imigrantes que vieram para o Espírito Santo se afixaram e contribuíram como importantes peças para a construção do panorama econômico, social e cultural capixaba, já que tinham, além das atribuições de trabalhar a terra e produzir, a de povoar a província.

O relatório do Projeto Imigrantes (1995) explica o período colonizador do Espírito Santo no Império, em especial a formação, a partir de 1861, do Núcleo Castello (*sic*), extensão da Colônia Rio Novo, situado onde hoje são os municípios de Alfredo Chaves, Marechal Floriano e Vargem Alta. Dos imigrantes que se localizaram no Núcleo Castello (*sic*), mais precisamente da região onde hoje é o distrito de Araguaia, em Alfredo Chaves, saiu o primeiro grupo que fundou Venda Nova. Segundo Zandonadi (1980), Amadeo Venturim, em 1891, foi o primeiro imigrante a se aventurar pelas florestas nas montanhas com vistas a comprar partes de fazendas de café em decadência, na localidade onde hoje é a cidade de Venda Nova. A partir dele, outras famílias foram comprando pequenas propriedades e se estabelecendo na vila.

Os valores dos imigrantes, ligados à religiosidade, trabalho e solidariedade, são, também, expressos por Pandolfi e Vasconcellos (2005):

Não se pode desconsiderar a imigração italiana também como um empreen-

dimento familiar, tendo o seu apoio mais notório no trabalho e na igreja. O trabalho em torno dos preceitos religiosos era pautado em valores solidários que sobrepunham às pretensões individualistas. A coesão e os investimentos em prol da coletividade são aspectos encontrados na vida comunitária das colônias italianas. (PANDOLFI; VASCONCELLOS, 2005, p. 13).

Observamos, nos relatos de todos os entrevistados deste estudo, o quanto a igreja católica – na figura de seus padres – teve papel decisivo na orientação dos valores morais e na conduta de organização da comunidade, quer intermediando o envio dos filhos para estudar em seminários, protagonizando o papel de educadora e formadora através da escola local, ou pela disseminação de valores. Foi, também, espaço de convivência e discussão dos problemas da comunidade, bem como espaço de cultura, com apresentações de corais, teatro, música e filmes. Todo esse universo de atuação pioneira da igreja fazia dos padres atores importantes no cenário, como intermediadores das informações entre a comunidade e o meio externo.

A imigração italiana tem, então, papel fundamental na formação cultural e social do Estado, deixando como legado uma cultura do trabalho baseada na cooperação, solidariedade e confiança e um grande destaque da igreja como ator de organização social e participante ativa do desenvolvimento local. Aspectos que ainda hoje são percebidos como traços marcantes desse grupo, que se diferencia das demais localidades onde os imigrantes não fizeram história.

A cultura do trabalho, especialmente o trabalho voluntário, oriundo de valores de solidariedade, confiança e cooperação, está fortemente presente em Venda Nova, desde sua fundação no final do Século XIX. A mobilização social voluntária se dava em todos os aspectos sociais, como vemos:

O trabalho voluntário é um valor que transformou para sempre a vida de Venda Nova. Quando as primeiras famílias desbravavam o lugar, era comum a ajuda mútua. As que terminavam primeiro o trabalho na colheita ajudavam as outras. Esta mesma disponibilidade se estendia para outros momentos da vida, os festivos entre eles. (Editorial, CADERNO ESPECIAL FESTA DA POLEN-TA, 2005, p. 02).

Dessa forma, em Venda Nova, encontramos, ainda hoje, fortes indícios da cultura dos imigrantes italianos, presentes na arquitetura – nas casas antigas restauradas e, também, em novas construções que se inspiram no antigo estilo; nas expressões idiomáticas cotidianas e na sonoridade do sotaque do dialeto vêneto presente no conversar – embora com cada vez menos intensidade a cada geração; na culinária, através da polenta em suas variadas formas de consumo e seus acompanhamentos, como os doces, o socol e outras iguarias; nos hábitos e rituais, no ensino do idioma italiano nas escolas estaduais do município; no curso de italiano oferecido pela AFEPOL; na multiplicidade de associações, cooperativas e entidades do terceiro setor e na cultura do voluntariado; no *design* dos locais e materiais de divulgação dos pontos de agroturismo e nas festas locais, vitrine da cultura dos imigrantes italianos, aspectos abordados neste artigo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A complexidade das sociedades na atualidade requer das ciências sociais uma postura reflexiva diante dos problemas a serem estudados. A importância da transdisciplinaridade na compreensão das sociedades é abordada pelo antropólogo Gilberto Velho. Em sua pesquisa, Velho (2006) resgata dois importantes sentidos de cultura – objetiva e subjetiva –, inspirado nos estudos do sociólogo Georg Simmel. Em suas reflexões, os conceitos não são absolutamente análogos, uma vez que a cultura subjetiva é o objetivo principal:

Sua medida [*a da cultura subjetiva*] é a extensão em que o processo da vida psíquica utiliza esses bens e realizações objetivas. Obviamente não pode haver cultura subjetiva sem cultura objetiva, pois o desenvolvimento ou a condição de um sujeito é a cultura, através da incorporação de objetos cultivados com que se defronta. Em contraste, a cultura objetiva pode ser parcialmente independente da cultura subjetiva, na medida em que foram criados objetos “cultivados” – ou sendo cultivados – para fins culturais que não se limitam a sua utilização por sujeitos (VELHO, 2006, p.15).

Dentro dessa perspectiva, os cortes, o olhar e os indivíduos que são privilegiados nesta nossa pesquisa, “tudo delinea o âmbito de arbitrariedade em que se move o pesquisador-autor” (VELHO, 2006, p.15). Nesse sentido, as fronteiras entre o conhecimento científico, objetivo, e uma interpretação de natureza mais subjetiva, não são tão óbvias. Os personagens falam. Mas, ao retraduzir seus discursos por meio de um texto de nossa autoria, estamos “misturando às suas falas, perplexidades, dúvidas e hesitações” (VELHO, 2006, p. 15), ao mesmo tempo em que uma preocupação teórica estabelece um distanciamento que nos assegura um equilíbrio do olhar subjetivo na construção do conhecimento (VELHO, 2006).

Com a ajuda desse enfoque, optamos por utilizar como recorte a Festa da Polenta, considerada popularmente como a maior festa da cultura italiana no Espírito Santo. As peculiaridades de sua criação, a complexidade e riqueza que envolvem sua realização ao longo do ano, a atuação peculiar de sujeitos-chave e sua importância como vitrine para a manifestação da cultura e identidade locais nos fazem crer que a Festa da Polenta³ é um *locus* privilegiado de observação da organização social de Venda Nova.

Nossa pesquisa é, portanto, essencialmente qualitativa. Por ser um estudo sobre uma realidade social delimitada, e por envolver aspectos tão diluídos e “camuflados” no cotidiano, foi importante adotar procedimentos que captassem as nuances dos sentimentos e emoções, leis e costumes que se escondem por trás do comportamento social, e que dificilmente são revelados apenas por meio de entrevistas em profundidade. Portanto, observação participante, a utilização de indícios e pistas como base para inferências, aliadas às entrevistas em profundidade, foram os procedimentos adotados, que possibilitaram absorver, além das informações ditas pelos entrevistados, as nuances de comportamento e ação individual e coletiva, ou seja, a diferença entre o discurso e a ação e as informações deixadas pelos sujeitos através da organização social da cidade.

Foram utilizados como fontes e procedimentos para obtenção dos dados:

- estruturação de um referencial teórico com levantamento bibliográfico, bem como do contexto sócio-histórico da formação do Espírito Santo e de Venda Nova do Imigrante;
- pesquisa documental em periódicos locais, onde foram analisados relatos de fatos históricos e cotidianos, de hábitos e costumes;
- entrevistas em profundidade com seis dos sete coordenadores da Festa da Polenta, que se alternaram em dez ciclos de gestão, além de outros atores sociais que se destacam na trajetória da cidade no âmbito político, social ou econômico. O critério de escolha desses últimos foi a citação nos periódicos e livros pesquisados ou nas próprias entrevistas da pesquisa. Além destes, lideranças locais e voluntários da Festa da Polenta fizeram parte do grupo de entrevistados. Ao todo, foram realizadas 20 (vinte) entrevistas;
- observação participante com registro em diário de campo durante 9 meses. As observações incluíram desde triviais conversas com taxistas da cidade, conversas informais com lideranças locais, turistas e moradores, além de visitas à AFEPOL, até a participação em manifestações culturais e religiosas locais e na própria Festa da Polenta, integrando a equipe de limpeza como voluntária da Festa.

Os dados coletados por meio de entrevistas foram gravados e transcritos. Os dados originados da leitura de jornais e livros locais, notas dos acontecimentos e fatos cotidianos e as informações oriundas da observação participante foram selecionados, registrados sob forma textual, categorizados e analisados. No cruzamento desses dados, foram encontradas e compiladas as confluências de opiniões, bem como confrontadas as opiniões divergentes dos entrevistados sobre certos temas. Sobre essas confluências e confrontos fizemos nossas reflexões, tendo como referência o marco teórico inicial e nosso olhar sobre o objeto. Nosso referencial teórico, também, foi sendo construído e adaptado ao longo da pesquisa e com base nas informações encontradas no campo empírico.

FESTA DA POLENTA: TRADIÇÃO, ATORES LOCAIS E GESTÃO

A Festa da Polenta é considerada a maior manifestação da cultura italiana no Espírito Santo. É realizada anualmente em Venda Nova desde 1979, sempre no segundo fim de semana de outubro, em alusão ao aniversário de seu fundador, Padre Cleto Caliman. Ela atraiu na última edição um público que gira em torno de 25 mil pessoas⁴, cerca de cinco mil a mais que sua população, segundo números do IBGE (2001).

De cunho filantrópico, desde as primeiras edições, a comunidade realiza uma assembleia após o Evento, na qual, diante dos associados, a diretoria presta contas e submete a Festa a uma avaliação, quando é definida a distribuição dos recursos arrecadados para as entidades filantrópicas de saúde, assistência, segurança, educação e cultura. A trigésima edição

(2008) foi organizada e executada por cerca de 900 voluntários, distribuídos em dezenas de equipes, mantendo e aprimorando as atrações culturais resgatadas nas edições anteriores e concentrando o foco nas atrações mais voltadas à cultura italiana.

Como atrações, a festa apresenta shows musicais para agradar a todos os públicos, que vão desde bandas regionais de *pop rock* aos grupos de música italiana e tarantela, estes majoritários na programação. Também se apresentam grupos de danças locais, além do desfile da rainha da polenta. O resgate das tradições fica por conta de espaços especiais no cenário da festa, como a *Casa da Nonna* e o *Paiol do Nonno*, que reproduzem ambientes, costumes, artefatos e hábitos dos imigrantes, como fazer polenta em fogão à lenha, os jogos de *mora* ou *moretina* e *boccias*, as ferramentas, as cantarolas italianas regadas a vinho, as expressões idiomáticas presentes na conversa e na forma de recontar a história e outros elementos tidos como tradicionais.

Na culinária, são servidos 3.600 quilos de polenta durante a festa. O Tombo da Polenta, uma de suas grandes atrações desde 2004, figura no *Guinness Book*, o livro dos recordes, como a maior polenta do mundo, com 1200 quilos do alimento preparados de uma só vez num painelão gigante, réplica ampliada dos usados nas cozinhas dos imigrantes.

Segundo informações do *site* oficial da Festa da Polenta, pesquisa realizada pelo Instituto Futura em 2008, afirma que ela é o quarto evento mais lembrado do Espírito Santo, só perdendo para a Festa de Nossa Senhora da Penha (28%), a Festa de São Benedito (5,5%) e o Carnaval (5%). Com 4,8%, a Festa da Polenta vem seguida pelo Aniversário de Vitória, com 3,5%. Estes foram considerados os cinco primeiros eventos (festa popular) citados como os mais importantes que ocorrem no Espírito Santo.

A Festa da Polenta chama a atenção por ser considerada pelos nativos a vitrine das tradições dos imigrantes italianos e, também, por representar, em sua organização, os principais valores e a organização social locais. Faremos, aqui, uma breve incursão pelos principais marcos da trajetória da Festa da Polenta, ressaltando elementos importantes para sua compreensão.

Um texto escrito por Padre Cleto, em 1994, e publicado no *site* da AFEPOL 15 anos após a criação da Festa da Polenta, revela que ela nasceu da simplicidade da polenta como prato típico. Sua inspiração veio de uma outra festa da polenta, realizada no município de Alfredo Chaves-ES, e os objetivos eram, principalmente, a diversão e confraternização das famílias de Venda Nova. Segundo Padre Cleto, “Não havia propriamente uma filosofia sobre o evento. Era juntar o povo, comer, divertir-se e agrupar possível saldo credor”.

A primeira festa (1979) aconteceu numa estrutura improvisada no pátio do Colégio Salesiano (hoje, Fioravante Caliman). Um público de cerca de 150 pessoas, formado pelas famílias de Venda Nova, degustou a polenta e outros pratos típicos, feitos com utensílios emprestados pelas famílias. A atração das primeiras festas era o Coral Santa Cecília, formado por membros da comunidade. A missa sempre fazia parte da programação, uma vez que a religiosidade estava fortemente presente.

A Festa da Polenta seguiu durante anos sendo realizada no pátio do Colégio Salesiano. Em 1982, o Colégio passou a ofertar apenas ensino público – na nova Escola Fioravante Caliman – a partir do convênio com o Governo do Estado, iniciando-se certo distanciamento no envolvimento do Colégio com a Festa com a depois da chegada do Governo como novo interveniente. O ano de 1984, segundo o *site* da associação AFEPOL, representa a primeira grande transição da Festa da Polenta: o afastamento de Padre Cleto Caliman, o fundador da festa, devido a sua transferência para o Rio de Janeiro. A partir daí, as lideranças voluntárias da comunidade precisaram se organizar e tomar a frente do evento.

A edição de 1985 marcou a primeira divisão da organização por equipes, um novo passo para a profissionalização. Eram 12 equipes, distribuídas entre diversas atividades, como de cozinha, bar, ornamentação, caixas (venda de fichas no balcão do bar) e programação. O voluntariado já era valorizado nesse período. Não foi possível precisar o ano, entre 1986 e 1988, em que se iniciou a festa de confraternização dos voluntários, momento em que se reconhecia e celebrava a dedicação do trabalho de mais de 500 pessoas envolvidas. Este foi um marco importante para a festa, não só pelo reconhecimento formal do papel do voluntário, mas também para o que se tornaria mais tarde um dos fatores motivadores da adesão e manutenção de voluntários na organização da Festa da Polenta.

As dificuldades de captação de recursos fizeram com que se iniciasse uma discussão sobre a origem das verbas para realização da Festa. Assim, na gestão de 1998, ficou acertado que parte da verba da festa daquele ano ficaria destinada à realização da edição seguinte, e procedeu-se, ainda, a organização de uma instituição jurídica, com o objetivo de captar recursos públicos e privados. Assim, a criação da Associação da Festa da Polenta – AFEPOL, em 1991, foi outro grande marco de transição e profissionalização.

Em 1994, foi realizada a última festa no pátio do ginásio da Escola Fioravante Caliman. Sua realização no Centro de Eventos Pe. Cleto Caliman, a partir de 1995, é outro grande marco em sua trajetória, retratando a fase em que a atração de público externo chegou ao auge.

Na quarta gestão pós Padre Cleto, a partir de 1994, nasce a filosofia de tornar o próprio vendanovense o artista da Festa. Criou-se a Casa da *Nonna*, cenário que reproduzia os domínios femininos das casas dos primeiros imigrantes, com hábitos, costumes, trajes e utensílios típicos. A valorização dos voluntários como artistas ganhou espaço com a ampliação do calendário anual da Festa da Polenta, com a criação dos eventos-rituais de plantio, “montoa”⁵ e colheita do milho. Também é criada a Serenata Italiana, evento em que os voluntários saem vestidos a caráter de diversos pontos da cidade, entoando canções tradicionais, para se encontrarem no antigo local da Festa da Polenta, o pátio da Escola Fioravante Caliman. Agregam, a cada ano, novos elementos para ilustrar a vida na época da imigração.

A sexta gestão (1998-1999) teve como marcas a criação do Paiol do *Nonno*, na época, chamado de Rancho do *Nonno*, e um grande processo de inovações operacionais que ofereceram melhores condições de trabalho e qualidade no atendimento. Dentre outras mudanças, ficou estabelecida a eleição bianual do presidente e vice, que, juntos, formam, por livre escolha, o restante da diretoria da AFEPOL.

Em 2000, a parceria com a Associação da Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo, AL-CIES, viabilizou o curso de italiano para a comunidade na AFEPOL. Com um trabalho de divulgação, a Festa começa a sensibilizar os moradores e comerciantes para enfeitarem suas fachadas e vitrines e incentivar os moradores a receber os turistas.

De 2004 a 2007, os aspectos culturais locais ganham força com o Tombo da Polenta: 1,2 toneladas de polenta cozidas ao vivo em um panelão de ferro gigante. O momento mais esperado da festa dá à polenta visibilidade e *status* de cartão postal de Venda Nova. Os *shows* musicais passam a ser mais voltados à cultura italiana ou atrações com ar mais intimista.

Em 2008, acontece a trigésima edição, organizada e executada por cerca de 900 voluntários distribuídos em dezenas de equipes. O foco nas atrações culturais tradicionais e a preocupação com a qualidade no atendimento revelam um nível de organização em constante aprimoramento.

O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DA FESTA: PRODUTO E PRODUTOR DA SOCIEDADE LOCAL

A Festa da Polenta nasceu pelas mãos do Padre Cleto Climan, numa comunidade profundamente religiosa. A religiosidade esteve sempre presente na trajetória dessa festa devido ao forte papel da igreja na organização social de Venda Nova. Podemos inferir, com base nos relatos dos entrevistados, que a profissionalização da estrutura de organização da festa com a criação da AFEPOL é o principal elemento da sua desvinculação com a igreja. A presença de líderes não ligados diretamente à igreja, como o Padre Cleto, ajudou a promover esse distanciamento, embora a festa ainda mantenha ligações importantes, como, por exemplo, a bênção na sua abertura.

O planejamento, a divisão do trabalho em equipes e a escolha das escalas, áreas e espaços de trabalho, a racionalização das tarefas e os avanços tecnológicos promovidos ao longo dos anos refletem a profissionalização desse evento, em que os elementos tradicionais são representações e, também, tratados como atividades nesta mesma lógica de organização do trabalho.

Uma das preocupações da AFEPOL é preservar a entidade de influências políticas. Esse sempre foi um de seus princípios, o de buscar o apoio do poder público, mas sem se submeter a ele, e o de se manter imparcial em questões político-partidárias. Isso foi priorizado na elaboração do estatuto, referência formal básica da instituição.

Na Assembleia Geral Ordinária, as contas da AFEPOL são avaliadas. A assembleia elege o gestor e, dessa forma, legitima a confiança no presidente e no conselho fiscal eleitos. Os cargos de diretoria e coordenação são de escolha do Presidente. Mas, além dos aspectos legais e formais de uma associação, a assembleia é o grande instrumento de avaliação da Festa, momento de questionamento do que funcionou bem e do que precisa ser aprimorado.

As inovações na festa, como dito por vários entrevistados e comprovado por sua trajetória histórica, são marcas de cada gestor e sua diretoria, tanto positivas quanto negativas, pois, segundo relatos, é o gestor quem “dá as cartas”, escolhendo livremente sua diretoria. Mas, se cada gestor, com sua diretoria, deixa sua marca, num horizonte de anos e décadas, o que garante a continuidade das tradições para que os objetivos da festa não sejam distorcidos? Como são definidos ao longo do tempo os rumos do evento?

A assembleia anual é, também, instrumento de controle social. Se alguma ação não é aprovada, esse é o momento de corrigir a rota e discutir os rumos da festa. Percebe-se que a assembleia e, em especial, as lideranças mais ativas da comunidade dão essa direção e traçam os aspectos importantes a serem feitos na edição seguinte da festa.

Algumas correções de rota importantes foram feitas por esse instrumento. Talvez, o melhor exemplo seja o retorno aos aspectos culturais após os anos de 2001 a 2003. Nesse período, a organização da festa trouxe grandes artistas nacionais, atraindo um público maior do que o evento podia comportar. A partir daí, optou-se por uma festa mais intimista, com atrações culturais ligadas à imigração italiana, e direcionada para um público que aprecia eventos culturais e não a agitação tão comum em grandes festas. Esse é, no nosso entender, um aspecto peculiar da profissionalização.

A Profissionalização da Festa: o Divisor de Águas entre Tradição e Modernidade

O próprio Padre Cleto, fundador da festa, em texto escrito em 1994, sinalizou como um divisor na história da Festa a fundação da AFEPOL. Destacou que a Associação marcou novos conceitos e objetivos, diferentes dos que ele tinha quando a fundou. Com a criação da Associação, o objetivo de “manterem vivas as tradições históricas, culturais e os costumes trazidos pelo imigrante italiano” passou a nortear sua organização.

Esse novo objetivo, segundo texto publicado no *site* da Festa da Polenta após a Fundação da AFEPOL, é “resgatar e manter viva a cultura do imigrante italiano que colonizou Venda Nova há mais de 100 anos, expresso no tripé cultura, voluntariado e filantropia”, e reflete a profissionalização da estrutura da Festa, demonstrando, claramente, o sentido de preservação e representação das tradições às novas gerações e aos turistas.

Analisando a sequência dos marcos, vimos que o estopim dessa transição foi o grande salto da Festa, provocado por Padre Cleto, com a divulgação do evento em mídia nacional, em 1990. A atração de um volume de público muito maior do que o esperado mostrou o quanto a estrutura improvisada era insuficiente para o tamanho que o evento alcançara. Isso demandou o início do processo de sua profissionalização, cujos marcos foram a criação da AFEPOL, enquanto instituição jurídica, em 1991, e a transferência da Festa do Colégio Salesiano para um local maior, com a construção do Centro de Eventos, concretizada em 1995.

A partir desse processo de profissionalização, o resgate das tradições e as inovações foram

ações dos presidentes, diretores ou voluntários engajados. Entre esses aspectos, citamos a vila cenográfica, a serenata italiana, o Paiol do *Nonno*, a Casa da *Nonna* com suas atrações, o grupo musical Toni Boni, o grupo de dança *Di Ballo Granello Giallo*, o projeto Resgate da Cultura com gravação do CD de corais infantis e o Tombo da Polenta. Essa atuação dos dirigentes da festa se enquadra, dentro dos conceitos de Giddens (2001), como a atuação do *especialista*.

Em outras palavras, a profissionalização da festa marca a transição entre a atuação do *guardião da tradição*, personificado na figura do Padre Cleto Caliman, e a dos *especialistas*, os presidentes, diretores e voluntários à frente da organização da festa. Nesse cenário, Padre Cleto mantém-se como figura destaque, porém, deixa de atuar como seu principal condutor e passa a figurar como personagem ilustre, o fundador homenageado nas festividades, convidado de honra nos eventos e lembrado por seus grandes feitos em prol da cidade.

Aspectos como culinária, vestes típicas, danças e outros foram sendo recuperados e incorporados à programação da festa. Ora, se analisarmos sob a ótica de Giddens (2001), só faz sentido falar em recuperação das tradições quando elas estão ameaçadas de extinção. Do contrário, elas passariam despercebidas no cotidiano como elementos “desta época”, ou seja, modernos. A partir do momento em que há preocupação com sua permanência ou perpetuação, é sinal de que estão ameaçadas com a possibilidade de deixarem de figurar como elementos da identidade local e precisam de um cuidado especial que lhes empreste um novo sentido a fim de garantir-lhes a permanência.

O que queremos ressaltar é que, nesse cenário, os aspectos que a festa busca resgatar ou preservar já não fazem parte do cotidiano da cidade, sendo necessário que sejam adaptados ao contexto atual, ganhando novo sentido para que possam ser preservados em sua essência. Nesse sentido, a Festa da Polenta encontra, num primeiro momento, no sentido de identidade cultural, e, posteriormente, no turismo, os aspectos que conectam e dão sentido ao resgate e à permanência das tradições nos dias atuais. Tratamos aqui, portanto, não de uma situação local específica, mas de um fenômeno generalizado, que é reflexo das mudanças no contexto global descrito por Giddens (2002): a transição da ação do guardião, num contexto tradicional, para o especialista, num contexto moderno, bem como a escolha da tradição como um estilo de vida no contexto atual.

Nesse contexto, entre 2004 e 2005, se consolida a filosofia de “tornar o vendanovense o astro da festa”, quando ele deixa de ser o público-alvo para ser o “ator principal”, o braço que organiza e que prepara a cidade para receber o turista. Aqui, se consolida a preocupação com o resgate e a dramatização teatral dos hábitos e costumes dos imigrantes, da beleza plástica, com o objetivo de atrair e entreter o turista. A partir daí, quando se concentra no turista e resgata os hábitos e costumes antigos ressignificados, a Festa passa a ser um marco identitário que diferencia Venda Nova das demais localidades, destacando seu potencial turístico. Assim, a Festa passou a ser vista, planejada e realizada com o objetivo de ser uma vitrine da cidade e celebração anual dos costumes e tradições resgatados, ressignificados e reinventados ao longo de cada edição.

O formato “cultural” da Festa abriu, ainda, espaço para oportunidades de negócio aos moradores da cidade. Corroborando com essa lógica, os entrevistados destacaram a ligação da festa com o agroturismo, afirmando que as propriedades que dele vivem foram impulsionadas pela exposição dos produtos caseiros na lojinha de *souvenirs* instalada no local do evento. Embora o agroturismo tenha surgido na cidade como atividade econômica, a partir do início da década de 1990, suas raízes remontam às décadas de 1960 e 70. Ao contrário do que esperávamos inicialmente, é explícita a ligação entre a preocupação da Festa com a identidade cultural local e seu impacto no turismo como atividade econômica para a cidade.

Também, novos pequenos negócios privados surgiram em decorrência da Festa da Polenta, como serviços de *buffet*, com o conhecimento adquirido na equipe de cozinha; decoração e floricultura, a partir da prática na decoração da festa e do desfile da rainha; a abertura das casas para aluguel durante o evento como complemento de renda; e, porque não, a formação de profissionais liberais e administradores, com a prática de gestão ou de liderança de equipes da Festa. Além disso, ampliou a demanda por serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento e estimulou o surgimento de faculdades e outros serviços.

O evento, ainda, tem um papel de ser espelho para a criação de festas menores de produtos locais, como a festa do café, da pizza, do socol e do tomate, que também se utilizam do voluntariado na organização e que geram renda e benfeitorias coletivas para as comunidades que as realizam. Referência para essa comunidade, a Festa é, portanto, um “norte” para os diversos contextos da sociedade local, e suas mudanças impactam no modelo de desenvolvimento de Venda Nova.

Mudanças, Seus Impactos na Sociedade Local e Possíveis Caminhos do Futuro da Festa

Quando analisamos Venda Nova e a Festa da Polenta no atual contexto globalizado, vemos que elas competem não só com festivais culturais, mas com destinos turísticos em todo o mundo, pois as distâncias geográficas são cada vez mais relativas.

A Festa, ao longo de seus 30 anos, já passou por momentos difíceis, transições e ameaças decorrentes de influências do contexto moderno, em que se pensava que fosse acabar. Essas mudanças, inseguranças e dificuldades foram ultrapassadas com avaliação e reposicionamento, ora com adaptações, ora com grandes saltos qualitativos. Porém, não comprometeram a essência da festa, ao contrário, foram fundamentais para sua continuidade. Esta é a prova de fogo por que passam as tradições: seu teste diante da reflexividade, avaliando se elas permanecem tendo sentido no contexto atual e se devem, portanto, ser mantidas, reinventadas ou eliminadas. Todos os entrevistados tinham muito clara a visão desse objetivo.

Nesse contexto, as preocupações locais giram em torno da continuidade e manutenção da identidade cultural e das tradições. A partir dos relatos dos entrevistados, as atenções sobre a manutenção dessa identidade concentram-se em três aspectos: a *profissionalização* da Festa, a continuidade do *voluntariado* na organização e a existência de *lideranças* comprometidas com as tradições.

No item *profissionalização*, há entrevistados que acham que a Festa deve continuar evoluindo, resgatar e inventar outras tradições, como o Tombo da Polenta, organizar melhor a estrutura, capacitar o voluntariado etc. Um dos entrevistados defende que o evento precisa de um novo salto, um novo patamar, algo mais radical, como a expansão do calendário anual com a realização de “mini festas da polenta” ao longo do ano, porém, com mão de obra remunerada, a fim de impulsionar a economia local e gerar renda, sem que isso altere o formato original realizado em outubro – o qual deve se manter com voluntariado, um de seus pilares. Dois outros entrevistados concordam com essa visão.

Já na linha de explorar o diferencial local das tradições e da cultura, um dos entrevistados propõe que o poder público municipal capitaneie ações para transformar a Festa da Polenta “num grande produto de amplitude nacional”. Uma maior participação do poder público, porém, mostra-se complexa, pois a imparcialidade política e a independência do poder público são algumas das características mais valorizadas pela AFEPOL, segundo relatos dos entrevistados.

Todos os entrevistados mencionaram que a profissionalização é fundamental para a continuidade da comemoração. Porém, divergem sobre o nível dessa profissionalização e, principalmente, que aspectos devem ser profissionalizados. A linha mais ousada vê na estrutura de camarotes uma forma de atrair patrocinadores, um público diferenciado e, assim, garantir a sustentabilidade do evento sem perder as características culturais. Já os mais conservadores acham que não se deve abrir mão do voluntariado e da igualdade no tratamento do público e patrocinadores, pois acabaria com seu diferencial, transformando-a numa *commodity*.

Há preocupação com a formação de novas lideranças e com a continuidade do voluntariado, pois, apesar das adesões de jovens, os entrevistados atentam para o fato de que as lideranças são sempre as mesmas e formadas, em sua maioria, por uma geração entre 40 a 60 anos, que já está há 20 ou 30 anos à frente da organização; e não é em todas as famílias que a liderança passa “de pai para filho”. Muitos jovens saem da cidade para estudar e estabelecem outras prioridades em suas vidas.

A preocupação com o voluntariado é tamanha que há outras iniciativas de envolvimento de crianças e jovens no trabalho voluntário da Festa, objetivando a continuidade. Mas, ainda assim, ela encontra-se ameaçada, e um dos entrevistados enfatiza a importância do processo de adaptação das tradições ao contexto atual para sua preservação.

Os aspectos instrumentais da profissionalização na gestão, também, são ressaltados por alguns, reforçando a necessidade de melhor estruturação das equipes, planejamento estratégico, melhor dimensionamento de recursos materiais e humanos, introdução de facilidades como a cobrança por cartão de crédito. Também o aspecto inovação é citado como necessário para a continuidade da Festa.

Em suma, percebemos que existe uma preocupação constante com a permanência da identidade cultural e dos valores tradicionais ligados à imigração italiana. É uma complexa tentativa de equilíbrio entre o resgate, adaptação e ressignificação das tradições, de um lado, e a

inovação para se conectar às novas gerações, de outro, sendo que é ponto pacífico que ambos são fundamentais para a continuidade da Festa da Polenta, em particular, e para o sucesso da cidade de Venda Nova enquanto produto turístico no geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu contribuir para a compreensão da sociedade de Venda Nova a partir da análise de sua maior manifestação cultural, a Festa da Polenta. Analisamos como as manifestações culturais tradicionais dos imigrantes permanecem ou são retomadas de forma ressignificada ou reinventada; observamos a lógica da acumulação influenciando na organização da Festa e em novos negócios decorrentes dela para os empreendedores locais; vimos o papel criativo dos sujeitos – o fundador da festa e os coordenadores que o seguiram ao longo da história, à frente da AFEPOL; a importância dessa identidade cultural da imigração italiana como alavanca para a economia local e; apontamos alguns caminhos e possibilidades para o futuro da Festa da Polenta, com base nas inovações propostas ao longo de sua história, na profissionalização em curso e, também, nas projeções, planos e encaminhamentos dos atores locais.

Por fim, deixamos registrada como sugestão para novos estudos focados na análise das tradições em Venda Nova e, em especial, nesta linha de festas populares, a Festa do Galo Caipira. Este evento que, também, mistura celebração religiosa e festa profana, criado recentemente, em 2003, incorpora, curiosamente, à tradicional cultura dos imigrantes italianos, elementos do universo caipira brasileiro como a moda de viola. É uma festa que vem ganhando dimensão, como alguns entrevistados mencionaram, de “segunda Festa da Polenta”, por sua característica agregadora e pelo diferencial de sua programação. A importância dessa festa como aspecto relevante do cenário das tradições em Venda Nova se intensifica e estimula a necessidade de pesquisas complementares.

NOTAS

- 1 *Nonnos*: “Avós”, em dialeto vêneto.
- 2 O autor usa como referência: GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- 3 Um caminho semelhante foi trilhado pelo antropólogo Roberto DaMatta (1990), que buscou explicar o comportamento do brasileiro pela análise do carnaval. DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- 4 Fonte: “Festa da Polenta 2008 atrai 25 mil”. Disponível em <<http://www.festadapolenta.com.br/?p=noticias-detalhes&cn=75>>. Acesso em: 25 fev. 2009.
- 5 Montoa é o nome dado à técnica agrícola de amontoar terra ao redor dos pés de milho após a capina, para apoiar sua estrutura e evitar a erosão. O período da montoa do milho destinado à

Festa é um evento celebrado como um ritual, em que são utilizados trajes e ferramentas tradicionais dos imigrantes, repetindo os hábitos de trabalho e alimentação da época da imigração.

REFERÊNCIAS

BANK, G. **Dilemas e Símbolos: estudos sobre a cultura política do Espírito Santo**. Vitória: Edufes, 1998.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/catálogos/indicadores>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

CALIMAN, C. **A Festa da Polenta Nasceu por Acaso**. Disponível em : <<http://www.festadapolenta.com.br/quemsomos/afepol/oacaso>>. Acesso em : 20 jul. 2008.

CAMPOS JUNIOR, C. T. **O Novo Arrabalde: aspectos da formação urbana de Vitória**. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

EDITORIAL: Quase 115 anos de imigração do plantio à colheita: os rituais perpetuam a cultura de Venda Nova. **Caderno Especial Festa da Polenta**, 2005, p. 02

ESPÍRITO SANTO, Arquivo Público Estadual (Projeto Imigrantes) – Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/historico.html>>. Acesso: 10 jul. 2008.

GIDDENS, A. **Em Defesa da Sociologia: ensaios, interpretações e réplicas**. São Paulo, 2001.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, 2002.

O TRABALHO COMO MATRIZ DE UMA IDENTIDADE CULTURAL. In: **Reunião da Associação Brasileira de Antropologia**, 1998, Vitória. Resumo do grupo de trabalho sobre Identidade Capixaba. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1998. Disponível em: <<http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt21.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Fundação Cultural, 1975.

PANDOLFI, R.; VASCONCELLOS, J. G. M. Organizações familiares, cultura italiana e desenvolvimento local: um estudo do caso do Espírito Santo. In: EnANPAD, 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: EnAPAD, 2005.

POLLINI, G. Italianos e alemães no sul do Brasil: as características principais do fenômeno imigratório e os objetivos da investigação. In: **Cultura e Desenvolvimento: uma inves-**

tigação sociológica sobre os imigrantes italianos e alemães no sul do Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2005. p. 57- 80.

ROCHA, S. P. V. O homem sem Qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.111-122, 2005.

VASCONCELLOS, J. G. M. **A Invenção do Coronel**. Vitória: Edufes, 1995.

VELHO, G. **Subjetividade e Sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ZANDONADI, M. **Venda Nova**: um capítulo da imigração italiana. São Paulo, 1980.

Nara Falqueto Caliman Mestre em Administração e Gestão de Organizações pela UFES e graduada em Comunicação Social/Publicidade pela UFES. Atuou em projetos de desenvolvimento local e planejamento participativo na Prefeitura de Venda Nova do Imigrante, onde coordenou o Projeto Pró-Venda Nova, classificado entre as 100 melhores práticas globais de gestão no Prêmio Best Practices and Local Leadership Programme (ONU/UN-Habitat 2004). Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental no Governo do Estado do Espírito Santo e atualmente integra a equipe do Programa Estadual de Parcerias com o Terceiro Setor (contratos de gestão e termos de parceria). Suas áreas de interesse são gestão pública, cultura, identidade e poder local.